

A arte de comer bem: nutricionistas e visitadoras de alimentação do Serviço de Alimentação da Previdência Social – SAPS (1940-1967)

ANA MARIA DA COSTA EVANGELISTA

Introdução

O presente texto é parte do resultado de uma pesquisa maior fruto de meu processo de doutoramento, em curso na Universidade Federal Fluminense.¹ Essa comunicação encontra-se estruturada, conforme o explicitado a seguir. Inicialmente, busquei desvelar dados da história do nascimento do SAPS. A seguir, procurei demonstrar a importância do arcabouço legal estabelecido por Vargas, para a implantação e continuidade dessa política. Na terceira e quarta seções, busquei demonstrar como era o trabalho das nutricionistas e visitadoras de alimentação e o papel por elas desempenhado, na cruzada educativa alimentar empreendida junto às camadas populares. Por fim, como conclusão parcial quis assinalar os ganhos materiais e simbólicos que o SAPS proporcionou para as camadas da população que, dificilmente, teriam acesso a esses benefícios. Também destaco a importância da instituição pesquisada na abertura de campo de trabalho para o gênero feminino.

A gênese dos Restaurantes Populares

Em 05 de agosto de 1940, quando o mundo estava envolto na Segunda Grande Guerra, e os brasileiros sofriam, em consequência, o desabastecimento de gêneros alimentícios, o governo de Getúlio Vargas instituiu, pelo Decreto-Lei 2478, os Restaurantes Populares do SAPS. De onde surgiu esse projeto? O ensaio, “Idéias sobre Assistência e Educação Alimentares no Brasil”, escrito por Umberto Peregrino² e publicado em 1950, nos diz que a idéia de fornecer refeições a trabalhadores, através de Restaurantes Populares e por meio deles desenvolver uma política nacional de educação nutricional, remonta aos trabalhos de um grupo de cientistas brasileiros, cujas pesquisas trouxeram à tona a urgência de ações de combate à fome e à desnutrição no país.

¹ A pesquisa, ora empreendida, foi iniciada em meu curso de Mestrado, cujo projeto reconstruiu a história do SAPS, Juiz de Fora.

² Diretor da autarquia, durante o governo Dutra.

Segundo Umberto Peregrino, “o primeiro restaurante especializado para alimentação de operários instalou-o, entre nós, o eminente Dr. Paulo Seabra, no Laboratório Orlando Rangel, à (sic) Rua Pereira Pontes, 148, pondo-o a funcionar em fevereiro de 1935”(PEREGRINO, 1950: 5-6). Esse restaurante foi semente do trabalho que se realizou nesse campo, posteriormente. No dizer de Peregrino, o Dr. Seabra apresentou ao governo, em 1940, “amplo e expressivo estudo sobre a alimentação do operário no local de trabalho” intitulado “Cruzados da Alimentação”, que foi publicado na Revista Inapiários,³ de janeiro de 1940 (PEREGRINO, 1950: 5-6). Além desse fato, cumpre ressaltar, de acordo com Peregrino, o trabalho do presidente do Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Industriários, Plínio Catanhede, que, apoiando a experiência de Paulo Seabra, concentrou esforços para a construção de um restaurante destinado aos industriários do Distrito Federal. Catanhede incumbiu o Dr. Josué de Castro, médico do IAPI, de preparar o pessoal técnico que iria trabalhar no futuro restaurante, através de um Curso de Alimentação. Peregrino nos esclarece em sua obra que, enquanto esse curso funcionava e o prédio da Praça da Bandeira - onde seria instalado o primeiro restaurante popular do Distrito Federal – crescia, o “então Ministro do Trabalho, Dr. Waldemar Falcão, apreendendo a importância da iniciativa, decidiu encampá-la, e assim o fez, criando o Serviço de Alimentação da Previdência Social” (PEREGRINO, 1950: 6). O SAPS seria regido por um Conselho presidido pelo professor Alexandre Moscoso e seus membros eram: Professor Helion Póvoa, Dr. Edson Cavalcanti, Dr. Ulhôa Cintra e Dr. Paulo Seabra. O Departamento de Administração do Serviço Público, DASP, órgão do governo Vargas destinado a gerenciar o serviço público, não concordou com a existência desse Conselho e o dissolveu. Reagindo à dissolução do Conselho – ainda segundo Peregrino – “Helion Póvoa e Edson Cavalcanti, manejando a alta influência política que desfrutavam junto ao Presidente Getúlio Vargas”, conseguiram reverter a situação. Nascia, assim, o SAPS, e Helion Póvoa foi nomeado seu diretor geral (PEREGRINO, 1950: 7). Josué de Castro assumiu a direção do Setor de Nutrição destinado a formar profissionais especializados nessa área. O médico pernambucano ficou no cargo apenas um ano. Segundo sua filha Anna Maria de Castro, o pai “não suportou as mazelas do serviço público, especialmente, no que se

³ Nome da revista do Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Industriários, I. A. P. I.

refere às intrigas e disputas internas.”⁴ Peregrino considera o Dr. Paulo Seabra como “o fecundo animador da iniciativa governamental” de “proporcionar alimentação cientificamente planejada a operários, no seu local de trabalho”(PEREGRINO, 1950:7). E continua:

“Basta referir que a mesa tipo SAPS, em uso em todos os Restaurantes Populares dessa Instituição, e que fora criação de Paulo Seabra para o restaurante do seu Laboratório particular, foi por este patenteada em nome do SAPS para que fosse adotada, como o foi em todos os seus Restaurantes Populares” (PEREGRINO, 1950:8).

Ressalta-se nesse texto, além da história da origem dos restaurantes populares, o necessário respaldo para afirmar que a criação do SAPS, no Brasil, estava atrelada aos estudos sobre a fome e a nutrição feitos por um grupo de técnicos de forma científica e idealista. A tese de Ângela Gomes, em sua análise sobre a relação classe trabalhadora/governo Vargas no interstício 1942-45, também explica a implantação dessa política de alimentação e cultura. Nesse período, segundo a autora, é preciso “ouvir o Estado, percebendo em sua fala os ecos de outras vozes” (GOMES, 1988:27). A escuta dessas vozes traz a compreensão da lógica, entre trabalhadores e governo Vargas, fundada nos preceitos da reciprocidade. Os trabalhadores não se submeteram nem perderam a identidade e sim, fizeram parte de um pacto com base na “ideologia da outorga” (GOMES, 1988:27). Isso lhes permitiu ganhos materiais e ganhos simbólicos. Ferreira, ao analisar a cultura da classe trabalhadora no primeiro governo Vargas, assinala a necessidade de não a compreendermos como “uma repetição malassimilada da cultura dominante, numa postura sempre contemplativa, nem como a oportunidade de exaltar uma suposta ‘pureza’ dos trabalhadores, sempre na defensiva diante das investidas ideológicas das classes dominantes” (FERREIRA, 1990:3). Entendendo cultura como produto das interações grupais e intercessões ocorridas em determinado contexto social, deve-se considerar a importância e o alcance para os trabalhadores, dessa política nacional estatuída pelo SAPS, que lhes proporcionava boa alimentação e acesso a bens culturais como discos e livros.

⁴ Depoimento de Anna Maria de Castro: concedido à Ana Maria da Costa Evangelista, Rio de Janeiro, 2010.

Os estudos acerca da alimentação e nutrição das camadas populares brasileiras, realizados no transcurso do primeiro governo Vargas, tiveram forte influência na instituição do salário mínimo e na implantação do Serviço de Alimentação da Previdência Social. Segundo Bezerra, “entre 1932, ano da publicação do livro *O problema fisiológico da alimentação no Brasil*, de autoria de Josué de Castro, e o ano de 1941, houve abundância de publicações nacionais acerca de alimentação”(BEZERRA, 2010:9). Ainda, segundo Bezerra, o tema da fome é abordado sob a forma de:

“inquéritos alimentares; problema alimentar; bases da alimentação racional; dietas de vários grupos sociais e populacionais; educação alimentar; política alimentar; alimentação popular e alimentação do trabalhador; alimentação e/ou regime alimentar da criança, do adolescente, do idoso, da gestante, do atleta; valor social e econômico da alimentação; alimentação e clima; alimentação e raça; alimentação e saúde; gastrotécnica; vitaminologia; bromatologia; química alimentar; metabolismo da alimentação; açúcar; história da alimentação” (BEZERRA, 2010:9).

Afirma o referido autor que, “apesar de as publicações na forma de livros e cartilhas serem predominantes, fica evidente o espaço dado à temática pelo periódico do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, sinalizando uma aproximação entre os autores e o Estado” (BEZERRA, 2010:10).

Vicissitudes históricas e o arcabouço legal que marcaram a origem do SAPS

Em novembro de 1940, como parte das comemorações do decênio do governo Getúlio Vargas, inaugurou-se o primeiro Restaurante Popular da capital federal. O *Diário de Notícias* de novembro de 1940 dava detalhes da programação comemorativa do décimo aniversário do governo Vargas. Fazia parte do programa a inauguração do restaurante Popular da Praça da Bandeira. Dizia a nota:

“Será realizada, hoje, a inauguração **do restaurante popular do Serviço de Alimentação da Previdência Social, na Praça da Bandeira**, com um **almoço que a senhora Darcy Vargas oferecerá às famílias dos trabalhadores** e no qual tomarão parte o presidente da República, ministros do Estado e outras altas autoridades” (*DIÁRIO DE NOTÍCIAS*, 1940:3, grifos meus).

O SAPS nasceu pelo Decreto-Lei nº. 2478,⁵ em 05 de agosto de 1940, estatuído pelo o presidente Getúlio Vargas, conforme lhe facultava o artigo 180, da Constituição vigente. O referido Decreto-Lei estabelecia, dentre outras determinações, que a autarquia ficaria sediada no Rio de Janeiro, capital da República, bem como sua destinação:

“personalidade jurídica e sede na capital da República o Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS), diretamente subordinado ao Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio e destinado principalmente a assegurar condições favoráveis e higiênicas à alimentação dos segurados dos Institutos e Caixas de Aposentadorias e Pensões subordinados aos respectivos Ministérios” (BRASIL, Senado Federal. Arquivo Legislação).

Além de propiciar aos trabalhadores alimentação adequada e barata, o serviço deveria promover divulgação através dos meios trabalhistas acerca das vantagens obtidas pelo trabalhador ao ingerir uma alimentação adequada. O corpo do decreto frisa também ser necessário se formar “na coletividade, uma consciência familiarizada com os aspectos e problemas da alimentação” (Decreto-Lei 3.709¹, de 14 de outubro de 1941. O arcabouço legal estatuiu a seleção dos gêneros alimentícios e o barateamento dos respectivos preços, bem como o funcionamento dos órgãos necessários a integral execução dos seus trabalhos pertinentes ao funcionamento dessas determinações.

O papel das nutricionistas e visitadoras de alimentação formadas pelo SAPS

Decorrido um ano de sua criação, o governo entende que, para atingir os objetivos de sua política, o Serviço de Alimentação da Previdência Social deveria ser reorganizado. Através do Decreto-Lei 3.709, de 14 de outubro de 1941, o SAPS é reestruturado. O novo decreto reeditava o teor de seu precedente, mas também o complementava. Este Decreto-Lei traz no Art.3º§ VII, as bases para implementação dos cursos de dietistas, nutricionistas e visitadoras de alimentação, sob responsabilidade do SAPS/Praça da Bandeira, ao estatuir “uma ação educativa sistemática junto às famílias dos trabalhadores” que procurasse demonstrar “os prejuízos decorrentes do atual

⁵ Além da criação de restaurantes populares estatais, o Decreto-Lei nº. 2478 referendava o Decreto-Lei nº. 1.238, de 02 de maio de 1939, através do qual as grandes empresas deviam fornecer alimentação aos seus funcionários.

sistema de alimentação”. Nesse sentido estabelecia a necessidade de orientar “a coletividade sobre os processos de uma alimentação racional e econômica e dos seus benéficos e resultados” (BRASIL, Senado Federal. Arquivo Legislação).

No período de Juscelino Kubistchek, a legislação sobre o SAPS tornou-se extensa em razão do Decreto nº 45.096, de 22 de dezembro de 1958, que aprovou o Regimento do Serviço de Alimentação da Previdência Social. O capítulo VIII do Decreto 45.096 está dividido em duas seções. Seu teor concernia em traçar as diretrizes do trabalho nutricional realizado pelo SAPS. Um dos grandes legados da autarquia no interstício de sua existência é, certamente, no campo da ciência da Nutrição. No SAPS funcionaria o primeiro curso de formação de Nutricionistas no Brasil. O item do Decreto que tratava das questões relativas à ciência da nutrição confirma porque o legado do SAPS, nesse campo, é significativo. Inúmeros são os trabalhos de pesquisa na área das investigações nutrológicas que mereceram publicações. Referindo-se ao papel dos cursos de Nutrição o Decreto 45.096, dizia em seu Capítulo XII, Art. 119, que sua finalidade era “manter e controlar cursos para a formação de nutrólogos, nutricionistas, visitadoras de alimentação profissionais de copa e cozinha, além de outros de natureza científica, técnica ou popular” (BRASIL, Senado Federal, Arquivo Legislação). Tais determinações demonstram o respaldo legal desse serviço gratuito de orientação nutricional, que estava posto ao alcance das camadas populares. O Art. 120, do capítulo em questão demonstra a amplitude do projeto quando afirma que os Cursos de Nutrição “teriam uma sede central situada no **Distrito Federal e de escolas regionais**” (BRASIL, Senado Federal, Arquivo Legislação, grifos meus). Para que tais atividades fossem implantadas a contento, a legislação estabelecia no Art. 121 a concessão de bolsas de estudo para os alunos, bem como a necessidade de programação curricular dos cursos. De acordo com o Art. 123 (BRASIL, Senado Federal, Arquivo Legislação), do referido Decreto, os Cursos de Nutrição ao formarem nutrólogos, nutricionistas, visitadoras de alimentação, profissionais de copa e cozinha cumpriam uma das finalidades do SAPS e colaboravam com as entidades sindicais de empregados e empregadores para a formação de profissionais.

A abrangência do projeto de formação de profissionais na área da tecnologia alimentar explicitada no corpo da lei corroborava a ideia de que se pretendia manter o projeto nacional de combate à fome e à desnutrição no Brasil iniciado no primeiro

governo Vargas. E não apenas isso: estava em curso um projeto que buscava desenvolver ações educativas com relação aos hábitos alimentares do brasileiro. Nota-se, ainda, que a lei preconizava a regionalização desses cursos, bem como buscava o entendimento entre os profissionais formados pelos cursos e as entidades sindicais.

No dizer de Umberto Peregrino (PEREGRINO, 1950:16), o SAPS não era apenas uma rede de restaurantes populares. Ele atuava em quatro grandes sentidos: assistência alimentar; educação; pesquisa científica; formação de técnicos especializados.

Quanto às tarefas de educação assumidas pelo SAPS, elas se efetivavam por diversos meios. Ainda segundo Peregrino, os próprios restaurantes atuavam como educadores através dos cardápios elaborados dentro dos conceitos nutricionais e da forma como se apresentavam nas refeições elementos necessários à formação de novos hábitos alimentares. Alimentos como o leite, as frutas, as verduras eram servidos cotidianamente. Além disso, havia os serviços de alto-falantes que, ministrando conselhos, divulgavam ensinamentos. A instituição se valia também de instrumentos modernos de educação coletiva, como mensagens através da imprensa, filmes, teatro e o Boletim quinzenal distribuído gratuitamente aos frequentadores. Com o mesmo sentido de educação alimentar, fora criada, em Fortaleza, a Escola de Visitadores de Alimentação. Havia planos de expansão dessas escolas nas principais capitais do país.

Torna-se necessário assinalar, todavia, que nenhuma dessas ações surtiria efeito, sem o trabalho dedicado das profissionais que encabeçavam as campanhas educativas ou que elaboravam os cardápios seguidos no dia-a-dia. Foi através do trabalho das nutricionistas e das visitadoras de alimentação que se efetivou o projeto nacional que visava inculcar nos trabalhadores e suas famílias a formação de bons hábitos alimentares.

Conforme bem assinalou Lev Vygotsky “a essência da memória humana está no fato de os seres humanos serem capazes de lembrar ativamente com a ajuda de signos” (VYGOTSKY, 1984:58). Para o autor, a memória se adéqua ao estudo das transformações propiciadas pelos signos nas funções psicológicas básicas, pois ela é responsável por revelar com clareza a origem social dos mesmos. As experiências e estudos vygotskianos redundaram na concepção de signo como originalmente social e construído pela mediação e como importante vetor no processo da recordação. O grande

salto qualitativo na evolução da espécie humana foi, sem dúvida, o domínio do sistema simbólico da linguagem. A mediação entre o sujeito e o objeto do conhecimento, os conceitos e formas de organização do real, nos são dados pela linguagem. Cada grupo social estrutura suas características culturais e as transmite para as gerações subseqüentes, através da linguagem. Partindo desses pressupostos, foi importante no processo rememorativo da existência do SAPS e de sua política de educação alimentar ouvir as vozes de quem foi vetor desse processo, qual seja as nutricionistas, as dietistas, as visitadoras de alimentação.

Mulheres Trabalhadoras: Oswaldina, Maria do Carmo e o bem-estar do trabalhador

As mulheres citadas, acima, tinham entre si muitos pontos em comum, a despeito de seus caracteres peculiares. Ambas deixaram sua terra natal no Nordeste do Brasil e partiram para o Rio de Janeiro em busca de ascensão profissional e independência financeira. Vale ressaltar, que tal atitude não era comum em mulheres na década de 50 do século passado. Não sem razão, Oswaldina e Maria do Carmo se consideram mulheres à frente de seu tempo. Através de suas vozes, parte da memória do projeto nutricional e educativo engendrado pelo SAPS, foi reconstruída. Por isso, vamos ouvi-las.

Oswaldina Nole do Nascimento nasceu e viveu em Salvador até os dezoito anos, quando se preparava para prestar o vestibular de Medicina. Ao mesmo tempo, as premências econômicas da família de classe média a levavam a procurar um trabalho que lhe facilitasse o custeio de seus estudos. Deparou-se com um anúncio de jornal sobre uma seleção de moças para fazer um curso sobre alimentação no Rio de Janeiro. O anúncio dizia que haveria uma bolsa de estudos proporcionada pelo SAPS para custear o curso. Oswaldina se inscreveu, fez o exame e foi a única selecionada dentre todas as candidatas. Mudou-se para o Rio de Janeiro e fez o curso durante um ano no SAPS (Depoimento Oswaldina Nascimento, 2010).

As turmas de Nutricionistas formadas pelo SAPS não eram muito grandes. O curso buscava formar profissionais preparados para atuar no campo da Nutrição por todo o Brasil. Grande parte dessas Nutricionistas atuava nos Restaurantes Populares do SAPS. O Curso era ministrado em horário integral, por professores formados no Brasil e

no exterior. Em seu relato Oswaldina conta que as disciplinas eram ministradas por nutricionistas formadas na Argentina. Ela esclarece que o curso de Nutrição na América Latina iniciou-se em Buenos Aires, por essa razão as primeiras nutricionistas brasileiras se formaram lá. Outros professores eram médicos que tinham se dedicado aos estudos acerca da nutrição. Assim, diz Oswaldina “um dos diretores do SAPS, o doutor Dante Nascimento Costa dava aula de Dietética. O doutor Cristiano dava aula de Fisiologia da Nutrição e o doutor Paulo lecionava a disciplina Química” (Depoimento Oswaldina Nascimento, 2010). Ela se recorda das aulas de culinária dizendo: “Tínhamos arte culinária. O nosso grupo era formado por dez moças. Havia moças de vários estados. Algumas aqui do Rio e a maioria era dos estados: Minas Gerais, São Paulo, Ceará. Inclusive, tinham duas irmãs de caridade que eram enfermeiras e vieram fazer o curso” (Depoimento Oswaldina Nascimento, 2010).

Sobre o trabalho da nutricionista, Oswaldina relata que os cardápios eram elaborados de acordo com as necessidades diárias do trabalhador. A base da refeição diária se fundava em 1400 calorias e a composição consistia de arroz, feijão, um tipo de carne, salada de verduras e legumes. Complementando essa refeição, servia-se pão, manteiga e um copo de leite. Havia ainda a sobremesa que “na maioria das vezes era uma fruta, excepcionalmente, servia-se doce” (Depoimento Oswaldina Nascimento, 2010).

Sobre a questão da orientação nutricional e da campanha de educação alimentar Oswaldina disse “existir um locutor, responsável pelo serviço de rádio”. Esse serviço funcionava no período das refeições, quando “os locutores davam conselhos alimentares” (Depoimento Oswaldina Nascimento, 2010). Havia também “o serviço dietético, para trabalhadores com algum tipo de doença.” Esse serviço funcionava através de “um consultório, onde um médico nutrólogo atendia o trabalhador e dizia o tipo de dieta que, o paciente tinha que fazer para melhorar seus problemas de saúde.” A orientação médica era enviada “para nós nutricionistas, que programávamos a alimentação desses trabalhadores.” Esses trabalhadores, que na maioria das vezes eram cardíacos ou tinham hipertensão arterial “tinham direito àquela alimentação dietética pelo mesmo preço de alimentação comum e não pagavam pela consulta” (Depoimento Oswaldina Nascimento, 2010). Tais relatos nos permitem concluir pela existência de um

trabalho específico para o trabalhador com problemas de saúde. Oswaldina conta que, após se formar em Medicina fez especialização como médica nutróloga:

“O SAPS tinha também esse curso, que funcionava à noite. Formava médicos nutrólogos. O curso era de dois anos..Quando o concluí fiz outro concurso e ingressei na carreira de médico nutrólogo. Fiquei no SAPS, trabalhando como médica nutróloga. Eu fazia esse trabalho, de prescrições para os trabalhadores com problemas de saúde” (Depoimento Oswaldina Nascimento, 2010).

Oswaldina Nascimento especifica que os casos atendidos nos consultórios de alimentação eram de “trabalhadores com problemas cardíacos, que tinham que fazer dieta com pouco sal.” Também havia “a dieta para hipertensos e os detentores de problemas renais.” Ela relata que “o SAPS tinha, inclusive, uma padaria, que fazia o pão sem sal para esse pessoal.” Completa falando sobre “os diabéticos, cuja alimentação tinha que ser bem balanceada e era muito rígida.” Lembra-se daqueles com problemas gástricos, assinalando que a “dieta de ulcera gástrica era aquela pastosa. muito especial.” Acrescenta por fim, a formulação de dietas para obesidade, lembrando que o número de obesos era bem menor que o atual. “Ressalta que, havia uma nutricionista só para esse serviço dietético” (Depoimento Oswaldina Nascimento, 2010).

Um dos relevantes serviços prestados pelo SAPS no interregno de sua existência foi, sem dúvida, o da ação educativa sistemática, junto às famílias dos trabalhadores, visando a demonstrar os prejuízos advindos de uma alimentação incorreta. Para cumprir tais determinações foram criadas duas escolas de Visitadoras de Alimentação: uma em Fortaleza, Ceará, chamada Agnes June Leith e outra, em Belo Horizonte, Minas Gerais, de nome Firmina Sant’ Ana. Traços indeléveis dessa profissão podem ser encontrados na fala de quem a vivenciou. Através do relato de Maria do Carmo Santos Veloso, buscar-se-á compreender o que era ser Visitadora de Alimentação.

Maria do Carmo Santos Veloso saiu de Teresina, Piauí para fazer o curso de Visitadora de Alimentação na Escola Agnes June Leith, localizada em Fortaleza, Ceará, depois de ser aprovada em uma seleção. O relato de Maria do Carmo tipifica o discurso das mulheres de sua época. Para sair de casa, mesmo aos dezoito anos, era necessária a aprovação do pai. E pode-se dizer que essa aprovação era rara, mas o pai dela “viu logo

que era algo muito sério, que não fazia medo” (Depoimento Maria do Carmo Santos, 2010). Àquela época, era diminuto o número de mulheres que trabalhavam fora de casa, ou que complementavam estudos após o ciclo equivalente ao Ensino Fundamental de hoje. O pensamento do pai de Maria do Carmo representava, dessa forma, o de uma minoria.

Em sua narrativa de Maria do Carmo fala sobre a Escola de Visitadoras de Alimentação (EVA) de Fortaleza: “Era uma escola só feminina. O único homem que frequentava a escola era o motorista. Mas ele não vivia na escola. Ah! E tinha um vigia à noite, mas ele também não vivia na escola. Ele trabalhava como vigia da escola à noite” (Depoimento Maria do Carmo Santos, 2010). O Restaurante Popular de Fortaleza funcionava anexo à Escola Agnes June Leith. Nele, a teoria ensinada na escola sob forte influência americana, (SOARES, 2001:54) se transformava em práxis⁶. Demonstrando que nossa consciência do passado é revivida pela profusão de memória, história e fragmentos que nela se misturam (LOWENTHAL, 1998:67), Maria do Carmo às vezes diz em seu depoimento: “não me lembro bem de todas as disciplinas”. Em seguida, olha uma fotografia de seu álbum sobre o tempo vivido na Agnes June Leith e corrige: “nós aprendíamos Horticultura e tínhamos aula de Educação Física.” E completa: “Tinha teatrinho de fantoches, porque nos finais de semana a gente treinava, com os filhos das famílias de trabalhadores que moravam próximo da Escola” (Depoimento Maria do Carmo Santos, 2010). Essa fala demonstra que o projeto da EVA apostava na cruzada educativa infantil como fonte de mudanças de hábitos. Esse micro contexto de práticas e interações sociais permitiria a ampliação de hábitos culturais, para quem não possuísse em âmbito familiar oportunidade de adquiri-los (LAHIRE, 2002).

Quanto à filosofia dos quatro “Es” que regia a Agnes June Leith, Maria do Carmo se lembra com clareza e narra que, Espírito, Educação, Esforço, Êxito era o que se objetivava desenvolver nos jovens. Nesse sentido, foram criados clubes onde fossem as atividades propiciassem o alcance desses objetivos. O depoimento de Maria do

⁶ Segundo Magda Soares os ideais da Escola Nova que tinham, dentre outros pilares, o pragmatismo de Dewey e haviam sido deflagrados com o Manifesto dos Pioneiros de 1932, perduraram nas décadas de 40 e 50 do século XX. Esse pragmatismo pregava o lema do “aprender fazendo”. No dizer da autora a promulgação Lei de Diretrizes e Bases da Educação, em 1961, fora precedida de debates sobre ensino público *versus* ensino privado desde seu envio ao Congresso Nacional em 1948. Todavia, tais discussões se fizeram sempre “à luz da ideologia liberal e ressuscitavam os ideais da Escola Nova”. SOARES, Magda. *Metamemória-memórias* Travessia de uma educadora. 2ª ed., São Paulo: Cortez, 2001, p.54.

Carmo ressalta a inspiração norte americana traduzida como clubes dos quatro Hs. Tal inspiração quando transposta para o contexto brasileiro foi transformada em quatro Es. A narrativa da entrevistada demonstra entusiasmo acerca dos clubes dos quatro Es. Segundo Maria do Carmo, tais clubes possuíam hino e eram subdivididos em três tipos: os que abrigavam crianças de quatro a oito anos; os que atendiam crianças de nove a quatorze anos e aqueles destinados às donas de casa (Depoimento Maria do Carmo Santos, 2010). As Visitadoras de Alimentação tinham participação ativa na implantação e manutenção dos clubes quatro Es. Nesses clubes, o contato com a família do trabalhador facilitava o trabalho da Visitadora de Alimentação, que encontraria menos resistência quando tivesse que fazer suas atividades domiciliares. Aquilo que as Visitadoras aprendiam na disciplina Trabalhos Manuais era repassado para as donas de casa nas reuniões dos clubes. Na ocasião, outros ensinamentos ligados à Nutrição e à higienização de alimentos, do lar e pessoal também eram repassados. Assim o relato de Maria do Carmo evidencia:

“Para além de atrair a dona de casa e facilitar nosso trabalho de visitação domiciliar, era ensinado a ela a fazer algo que talvez pudesse ajudá-la até na melhoria da alimentação em casa. Então a gente ensinava também essa parte, dávamos a elas um conhecimento de nutrição, de alimentação, de higienização dos alimentos, de higienização da casa, da cozinha, da pessoa que cozinava” (Depoimento Maria do Carmo Santos, 2010).

Ao terminar o curso de Visitadora de Alimentação em Fortaleza, Maria do Carmo teve a oportunidade de vir trabalhar no Rio de Janeiro para trabalhar no SAPS, Praça da Bandeira. Sobre as atividades da Visitadora de Alimentação Maria relata:

“Não encontrava resistência da parte das famílias dos operários. Isso porque, quando a gente fazia o curso tinha noções elementares de psicologia que nos facilitavam a abordagem das famílias. Aprendíamos a nos colocar de maneira de que eles aceitassem que estávamos realizando um trabalho que melhorava sua qualidade de vida. O trabalho inicial com as crianças, também facilitava o contato” (Depoimento Maria do Carmo Santos, 2010).

A cruzada educativa, de inculcar bons hábitos alimentares, tornava-se tarefa menos árdua com as crianças, que não tinham os vícios dos adultos acumulados ao

longo dos anos. Maria do Carmo relata: “na escola infantil a criança recebia o café da manhã, que era calculado de acordo com as normas da nutrição.” Vale frisar uma observação: “muitos deles não tinham costume de consumir leite e nas primeiras vezes que frequentavam a escola, tinham diarreia” (Depoimento Maria do Carmo Santos, 2010). O depoimento esclarece, ainda, acerca de tabus alimentares adquiridos no censo comum. Por isso, os pais reclamavam quando o filho contava, em casa, que tomara leite e comera manga no café da manhã. O trabalho das nutricionistas e visitadoras consistia em explicar e demonstrar, através de princípios nutricionais, que tal ideia não tinha fundamento. Outras ações importantes em que se buscava, através da criança, a reeducação da família, são lembradas por Maria do Carmo:

“As crianças maiores que frequentavam o Clube dos 4E recebiam conhecimentos de nutrição, trabalhos manuais e horticultura. Ensinava-se a fazer hortas, como plantar. A partir delas ficava mais fácil o trabalho de visita domiciliar. Uma vez por semana era o dia de visita. A gente visitava as casas de todos aqueles que pertenciam ao Clube dos 4E, ou à Escolinha Infantil” (Depoimento Maria do Carmo Santos, 2010).

Como se pode perceber, não era um serviço feito aleatoriamente. Havia planejamento, organização e método orientando o trabalho das visitadoras. Isso, no dizer de Maria do Carmo, permitia que o objetivo de seu trabalho fosse alcançado na medida em que “a filosofia do SAPS e, conseqüentemente, do serviço das Visitadoras era melhorar a condição da família do operário.” Em seu dizer, o objetivo era alcançado “por um lado, através do restaurante que melhorava as condições alimentares do trabalhador e, por outro lado, pela via do serviço de visita alimentar que atuando junto as suas famílias procurava inculcar a necessidade de mudanças de hábitos alimentares” (Depoimento Maria do Carmo Santos, 2010).

Palavras finais

No dizer de Certeau “comer serve não só para manter a máquina biológica do nosso corpo, mas também para concretizar um dos modos de relação entre as pessoas e o mundo desenhando assim uma de suas referências fundamentais no espaço-tempo” (CERTEAU 2009:250). O projeto SAPS contemplava essa integração requerida por Certeau, porque aliava a possibilidade de comer bem ao desenvolvimento de atividades

culturais. Também propiciava um espaço onde o trabalhador podia desenvolver relações interpessoais e ainda buscar aprimoramento profissional e intelectual. Tudo isso respaldado pela lei e pela instituição de uma política pública nacional. De acordo com Ferreira, “o impacto das leis sociais entre os assalariados não pode ser minimizado” (FERREIRA, 2008:19) na história da classe trabalhadora brasileira. Afinal, no período compreendido entre 1931 e 1934, toda a legislação trabalhista foi promulgada – com exceção do salário-mínimo, de 1942. Entre 1939 e 1940 foi criado um espaço no qual o trabalhador comia melhor a preços módicos, mas também era incentivado a aprimorar sua cultura, através de atividades de leitura e música. Ainda segundo Ferreira, “o governo Vargas não teria alcançado o prestígio que obteve entre os trabalhadores, mesmo com a avassaladora divulgação de sua imagem patrocinada pelo DIP”(FERREIRA, 2008:19), se não houvesse repercutido entre a classe os ganhos materiais e simbólicos. Ferreira alerta que o “‘mito’ Vargas não foi criado simplesmente na esteira da vasta propaganda política, ideológica e doutrinária veiculada pelo Estado”, pois “não há propaganda, por mais elaborada, sofisticada e massificante, que sustente uma personalidade pública por tantas décadas sem realizações que beneficiem, em termos materiais e simbólicos o cotidiano da sociedade” (FERREIRA, 2008:19). Não por acaso, as pesquisas de Ferreira sobre o quererismo desvelam atos de apoio público ao governo Vargas que não poderiam ser orquestrados, apenas, pelos órgãos oficiais se não houvesse respaldo da mobilização popular que levou milhares de pessoas a comícios nas principais cidades do país no período final do Estado Novo (FERREIRA, 2008:20-24).

Certeau, em sua fala sobre o interesse e o cuidado que se deve ter com a comida alerta que, “talvez seja necessário reconciliar-se com o próprio corpo para dar-se o trabalho de nutri-lo convenientemente” (CERTEAU, 2009:260). O SAPS tinha um projeto alimentar para a classe trabalhadora, que foi colocado em prática e produziu frutos. Importante ressaltar que esse trabalho foi resultado de pesquisas acerca da ciência da Nutrição realizado por homens e mulheres sem distinção de gênero em uma época em que tal atitude não era usual. Tais atitudes permitiram às mulheres que atuaram na prática desse projeto tivessem ascensão profissional e independência financeira. Ainda que em número diminuto, essas mulheres fizeram parte desse processo histórico de forma atuante. Hobsbawn afirma que, as mulheres com frequência

“salientaram que os historiadores do sexo masculino, no passado, inclusive marxistas, ignoraram grosseiramente a metade feminina da raça humana.” O historiador concorda com a crítica e a estende à sua própria obra. Acredita que essa deficiência deva ser corrigida, mas aponta a necessidade de não se falar, apenas sobre a história das mulheres, “porque na sociedade humana os dois sexos são inseparáveis.” Em sua visão, o que precisamos estudar “são as formas em mudança das relações entre os sexos, tanto na realidade social, quanto na imagem que cada sexo tem do outro” (HOBSBAWN, 2005:143). Penso ser possível afirmar que, na história do SAPS o trabalho das mulheres foi tão importante quanto o dos homens que nele atuaram. E ainda mais: a existência desse projeto oportunizou às mulheres que nele se engajaram, chances de profissionalização como médicas, assistentes sociais, nutricionistas. Tudo isso em uma época em que não era comum o trabalho feminino fora do lar, nem tampouco, a formação profissional em nível universitário. Por essa razão, apesar dessa pesquisa ter como foco principal as questões relativas ao gênero feminino, ela faz uma ressalva ao importante papel exercido pelas mulheres na construção da arte do bem comer no Brasil.

Bibliografia

BEZERRA, José Arimatea. *A Gênese do Saber em Alimentação e Nutrição: emergência, divulgação e aplicação social*. FAGED, UFC, 2010.

_____. O Estado Novo: o que trouxe de novo? In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de A. N. *O Brasil Republicano*, v. 2 - 2ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CASTRO, Anna Maria de. *Nutrição e desenvolvimento: análise de uma política*. Rio de Janeiro: Tese para o concurso de livre docência em Sociologia: Instituto de Nutrição do Centro de Ciências da Saúde da UFRJ, 1977.

CASTRO, Josué. *Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana*. Ed.936, Porto Alegre: Livraria do Globo, 1937.

CASTRO, Josué de. *Aos pobres pertence o reino da Terra*. In: *Ensaio de biologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1957. Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/JosuedeCastro>> Acesso em setembro de 2008.

CASTRO, Josué. *Condições de vida da classe operária no Recife*. Disponível em <<http://www.projetomemoria.art.br/JosuedeCastro>> Acesso em setembro de 2009.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.

- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. 16ª ed., v.1 e 2, Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- CIDRACK, Marlene Lopes. *Escola Agnes June Leith*. Formação e praticas curriculares de visitadoras de alimentação (1944-1966). Tese de doutoramento, UFC, FAGED, 2010.
- COSTA, Dante. *A NUTRICIONISTA* sua responsabilidade e sua alma. Coleção Ensaio e Debate Alimentar. Rio de Janeiro: SAPS, 1958.
- ESCUADERO, Pedro. *Alimentação*. 2ª ed., trad. Helion Póvoa. Rio de Janeiro: Editora Científica, 1934.
- EVANGELISTA, Ana Maria da Costa. *Sede de Leitura: memórias da Biblioteca Popular do Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS) no cotidiano de Juiz de Fora*. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora: FAGED/UFJF, 2007.
- FERREIRA, Jorge Luiz. *A cultura política dos trabalhadores no primeiro governo Vargas*. Revista de Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 3, n. 6, 1990.
- _____. *A democratização de 1945 e o movimento queremista*. In: Ferreira, Jorge, Delgado Lucilia, Org. *O Brasil Republicano* v. 3, 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 19.
- GINZBURG, Carlo. *Relações de força: História, retórica, Prova*. São Paulo: Companhia da Letras, 2002.
- GOMES, Ângela Maria de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais; Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Universitárias do Rio de Janeiro, 1988.
- _____. *Partido Trabalhista Brasileiro (1945-1965): getulismo, trabalhismo, nacionalismo e reformas de base*. In: FERREIRA, Jorge, AARÃO, Daniel Reis. *Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)*. Org. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- HOBBSBAWM, Eric. *Pessoas Extraordinárias: Resistência, Rebelião e Jazz*. São Paulo: Paz e Terra, 3ª ed., 2005.
- LAHIRE, Bernard. *Reprodução ou Prolongamentos Críticos?* Educação & Sociedade. Ano XXIII, n. 78. Trad. Alain François. Campinas, abr/2002.
- LEOPOLDI, Maria Antonieta P. *A economia política do primeiro governo Vargas (1930-1945): a política econômica em tempos de turbulência*. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de A. N. *O Brasil Republicano*, v. 2 - 2ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- LEVI, Giovanni. *Sobre a micro-história*. In: BURKE, Peter (org.) *A Escrita da História: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.
- LIMA, Eronildes da Silva. *Gênese e Constituição da educação alimentar: a instituição da norma*. História, Ciências, Saúde Manguinhos, V(1): 57-83 mar.-jun. 1998.
- LOWENTHAL, David. *Como Conhecemos o Passado*. In: Projeto História 17. São Paulo: PUC, 1998.
- PEREGRINO, Umberto. *Idéias sobre Assistência e Educação Alimentares no Brasil*. Rio de Janeiro: SAPS, 1950.

_____ *À Margem do Problema Alimentar Brasileiro*. Fortaleza: Escola Agnes June Leith, 1950.

Depoimentos

Maria do Carmo Costa Veloso Santos

Oswaldina Nole do Nascimento

Jornais

Correio da Manhã, Rio de Janeiro.

Diário de Notícias, Rio de Janeiro.

Última Hora, Rio de Janeiro.

Diário Carioca, Rio de Janeiro.